

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

BALAO DE LIVROS

LITERATURA E EDUCAÇÃO INFANTIL





COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

BALAIOS DE LIVROS

LITERATURA E EDUCAÇÃO INFANTIL

ORGANIZAÇÃO CECIP / Centro de Criação de Imagem Popular

TEXTO ORIGINAL Anna Rosa Amâncio, Claudia Ceccon, Elisa Brazil, Maria Lúcia Lara,
Rafaela Pacola e Rosane Monteiro

REVISÃO TÉCNICA Claudia Ceccon

PROJETO GRÁFICO Claudio Ceccon

REVISÃO Sonia Cardoso

DIAGRAMAÇÃO Olivia Lopes

Realização:



CECIP

Apoio:



Rio de Janeiro, 2020

“A criança manipula o livro de cabeça para baixo, do meio para o fim, de cabeça pra cima. A liberdade lhe permite isso. Só em liberdade inventamos e reinventamos o mundo. A liberdade é que conduz o leitor leitura afora. A criança é que elege a sua leitura e atribui ao objeto livro o que ele tem a lhe dizer. O livro é um objeto e a criança, o sujeito. Nesta relação, é o sujeito que fala.”

(QUEIRÓS, Bartolomeu Campos.
Sobre ler, escrever e outros diálogos.
Belo Horizonte: Autêntica, 2012)

Sumário

Mapa da publicação	4
O projeto Balaio de Livros	6
As ações de formação	17
• Oficinas com Gestores	19
• Centros de Estudos	25
• Atividades em sala com as crianças	33
• Diversificar aprendizagens: por onde andamos?	37
Baú do tesouro	43
Palavras finais	75
Anexos	78
I. Temas trabalhados nas oficinas de gestores	79
II. Acervo de livros doados para as instituições	80



BALAO DE LIVROS

"As palavras são portas e janelas. Se debruçamos e reparamos, nos inscrevemos na paisagem. Se destrancamos as portas, o enredo do universo nos visita. Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do decifrado. Escrever é dividir-se.

Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos entre linhas, para as viagens do pensamento. O livro é passaporte, é bilhete de partida.

A leitura guarda espaço para o leitor imaginar sua própria humanidade e apropriar-se de sua fragilidade, com seus sonhos, seus devaneios e sua experiência. A leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona seus entendimentos."

(QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. "O livro é passaporte, é bilhete de partida". In: *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012)

MAPA DA PUBLICAÇÃO

Ao ler esta publicação, você vai notar que usamos às vezes "professoras", às vezes "gestoras", às vezes "educadoras" e às vezes usamos os mesmos termos no masculino. No passado, o CECIP inovou ao usar APENAS o feminino, em reconhecimento à grande maioria de mulheres que lideram a educação no país. No momento atual, em que os homens estão sendo impedidos de cuidar das crianças, nos parece que usar ambos os gêneros dará visibilidade àqueles homens que exercem essa profissão, valorizando esta escolha.



O que você vai encontrar aqui é o registro de uma experiência de literatura realizada durante o ano de 2019 em creches da Rocinha, no Rio de Janeiro. Nossa objetivo com esta publicação é divulgar essa riqueza de vivências, para inspirar outros educadores e gestores e contribuir para que o direito à literatura – dos bem pequenos, seus responsáveis e educadores – seja plenamente cumprido, com muito prazer, criatividade e alegria.

Se você é dessas pessoas que lê de capa a capa, linearmente, ou então dessas que pula de uma seção à outra, dependendo do que precisa, esperamos que encontre aqui material para encantar educadores, pais e, principalmente, as crianças!

- Se você procura informações sobre como tudo começou e quem são os parceiros envolvidos, vá para o capítulo “O Projeto Balaio de Livros”, que conta isso e muito mais.
- Se quiser saber sobre a metodologia do projeto, as atividades regulares que aconteceram, o desenho das oficinas de formação, vá no capítulo “As ações permanentes de formação”, no qual procuramos detalhar cada ação formativa, incluindo alguns depoimentos das educadoras que são de arrepiar.
- Também achamos importante dar destaque a algumas ações pontuais, mas nem por isso menos importantes, quando se aprendeu de forma diferente... Isso está relatado na seção “Diversificar aprendizagens: por onde andamos?”.
- Mas... o que fizeram em sala juntamente com as crianças? No capítulo “Baú do tesouro”, você vai encontrar uma seleção de histórias que foram contadas em sala, o porquê de desenvolver a atividade da forma escolhida, o passo a passo, a lista de materiais utilizados, informações sobre autores e ilustradores, além de depoimentos das crianças, educadoras e facilitadoras. E mais: anexamos uma lista de livros e informações sobre autores... um verdadeiro tesouro de inspiração!
- “Palavras finais” encerram este relato, com algumas reflexões que julgamos úteis.

Boa viagem!



Creches parceiras do CECIP no projeto Balaio de Livros

- ASPA / Ação Social Padre Ancheta
- Centro Comunitário Alegria das Crianças
- Centro Social E Aí, Como É Que Fica?
- Ciep Doutor Bento Rubião
- Creche Arte Tio João
- Grupo Comunitário Creche Berçário Nova Jerusalém (Maria Helena)
- Creche Escola Pingo de Gente
- Grupo Comunitário Creche Morro da Alegria
- Escola Municipal Rinaldo De Lamare
- EDI Professora Edir Caseiro Ribeiro
- Grupo Comunitário Maria Maria
- Instituto Metodista de Ensino Suzana Wesley
- Escola Recanto Lápis de Cor
- União das Mulheres Pró-Melhoramentos da Roupa Suja

O PROJETO BALAIO DE LIVROS

O **Balaio de Livros** é um projeto de formação em serviço, destinado a educadoras e educadores de creches e pré-escolas, com o objetivo de qualificar e fortalecer as práticas com literatura desenvolvidas nesses espaços. Sua ação contribui para que o livro infantil esteja cada vez mais presente no cotidiano das instituições de educação infantil e em consequência, nos lares.

Em 2019, o projeto idealizado pelo CECIP foi financiado pelo Programa Criança Esperança¹ e realizado durante um ano em 14 instituições de educação infantil – conveniadas, filantrópicas, comunitárias, municipais e uma particular –, na Rocinha.

¹ O Programa Criança Esperança, uma iniciativa da Rede Globo em parceria com a Unesco desde 2004, compreende uma mobilização social que busca transformar o futuro de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Todos os anos, uma grande campanha na mídia mobiliza os brasileiros a que façam doações para apoiar projetos sociais nas cinco regiões do Brasil. (Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/social-and-human-sciees/youth/crianca-esperanca-programme/>)

Onde o projeto aconteceu: para falar um pouco sobre a Rocinha

Rocinha é o nome de uma comunidade localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, entre os bairros da Gávea e São Conrado. Com cerca de cem mil habitantes, é considerada uma das maiores favelas do Brasil. A comunidade teve origem na divisão em chácaras da antiga Fazenda Quebra-Cangalha, produtora de café.

Adquiridas por imigrantes portugueses e espanhóis, tornou-se, por volta da década de 1930, um centro fornecedor de hortaliças para a feira da Praça Santos Dumont, que abastecia a Zona Sul da cidade. Aos moradores mais curiosos sobre a origem dos produtos, os vendedores informavam que provinham de uma "rocinha" instalada no alto do bairro da Gávea. O nome ficou.

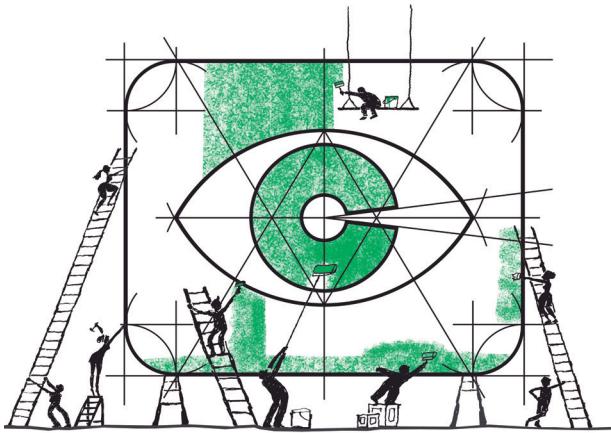
A Rocinha tem em suas raízes lutas políticas e conquistas de espaço social. A história das creches na Rocinha começa a ser escrita pelas mulheres que abrigavam em suas casas os filhos de pais e mães que trabalhavam fora.



Foto: Patrick Altmann

Nos anos 1960, começam a surgir as primeiras iniciativas de organização social. A União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha e a Ação Social Padre Anchieta são exemplos de instituições criadas a partir das reivindicações dos moradores ao poder público visando a implantação de creches.

Essa mobilização também reivindicava escolas, jornal local, passarelas e outros serviços. A cobertura da rede municipal de creches na Rocinha sempre foi insuficiente. Para atender a essa demanda, foram surgindo as creches comunitárias e filantrópicas – algumas delas conseguiram mais tarde se conveniar com o poder público.



O que é o CECIP?

O CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos e não partidária, que desde 1986 se dedica ao fortalecimento da cidadania por meio da educação e da comunicação. Foi fundada por um grupo de comunicadores e educadores, entre eles Paulo Freire (Presidente de Honra), Claudio Ceccon (arquiteto, cartunista e educomunicador), Eduardo Coutinho e Breno Kuperman (cineastas) e Ana Maria Machado (jornalista, professora e escritora), os quais se juntaram para tornar informações fundamentais à cidadania ativa acessíveis de amplas camadas da população.

A missão do CECIP é contribuir para o fortalecimento da cidadania através de projetos, produzindo informações e metodologias que influenciem políticas públicas promotoras de direitos fundamentais.

O que é o NIC?

O Núcleo da Infância do CECIP, NIC, agrupa projetos associados à infância que tocam em questões fundamentais na perspectiva da criança como sujeito de direitos. São projetos de participação infantil, formação em serviço de profissionais da Educação Infantil e Cultura de Paz, com incidência política nas pautas da primeira infância.



BALAIO DE LIVROS

“

(...) inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de reciar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz .

*(FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.)*

”

No livro *Pedagogia da autonomia*, Paulo Freire, educador e filósofo, considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial e patrono da educação brasileira, afirma que não há como separar “*seriedade docente e afetividade*”. Para um professor “*democrático*”, a afetividade caminha junto com o pensamento, com o conhecimento.

“E o que dizer, mas sobretudo o que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, à coragem de querer bem aos educadores e à própria prática educativa de que participo?”



O que é ser uma facilitadora?

Há princípios de base que norteiam nossas ações como pessoas que facilitarão (daí, facilitadoras) mudanças educacionais: empatia, apostar nas mudanças pessoais e a certeza de que, sem amorosidade, no sentido freiriano (veja box), não se aprende. Seguimos um caminho dialógico, de cooperação e reflexão, de construção de vínculos afetivos, integrando ação e teoria. Acreditamos que o aprendizado se dá a muitas mãos. Apoiamos as pessoas no despertar de suas competências e acreditamos que todo sujeito traz em sua história saberes que, integrados a novos conhecimentos e num processo constante de reflexão, fortalecem sua autonomia e se traduzem em transformações nas suas práticas.



Coordenação compartilhada: uma experiência



Nossa equipe é formada por seis pessoas de diferentes áreas: pedagogia, psicologia, serviço social, gestão de relações humanas e comunicação social. No Balaio de Livros decidimos compartilhar a coordenação. Distribuímos as responsabilidades e as tarefas, definimos os prazos para que estas fossem cumpridas e criamos modelos de registros das atividades desenvolvidas.

O projeto aconteceu num período de 12 meses, e continha muitas ações, nos dando a sensação que se não tomássemos cuidado, o tempo escorreria como

areia entre nossos dedos. Tivemos a oportunidade de desenvolver nossas habilidades e competências no compartilhamento de responsabilidades. Como toda interação humana, passamos por situações de conflito, que nos impulsionaram a ouvir mais um ao outro, a aprender a lidar com nossas diferenças de modo respeitoso e como cada um de nós poderia fortalecer o projeto. De maneira autônoma, fizemos escolhas na organização das nossas atribuições, uma vez que estávamos inteiramente comprometidos com o trabalho.

Aprendemos muito internamente uns com os outros e também em formações nos temas da infância fora de nosso círculo. Pesquisa, troca de informações, orientações e apoio possibilitaram o nosso crescimento pessoal e profissional, influindo diretamente na qualidade que oferecemos ao projeto.

O que é formação em serviço?

A formação continuada em serviço tem por objetivo promover, junto aos gestores, educadores e funcionários das instituições educativas, uma reflexão a partir da observação dos aspectos que suas equipes desejam aperfeiçoar e/ou transformar, para melhor atender as crianças. É necessário que haja tempos e espaços organizados para possibilitar a troca de experiências vivenciadas e a reflexão sobre as práticas pedagógicas cotidianas.

Como aconteceu o projeto

O projeto se desenvolveu por meio de encontros de formação em serviço, atendendo aos diferentes profissionais das 14 instituições, realizando mensalmente oficinas com os gestores, centros de estudos com a equipe de cada instituição e encontros com crianças e educadoras em sala. O projeto também promoveu uma visita à Festa Literária de Santa Teresa (FLIST) e eventos com autores, ilustradores, educadores, crianças e familiares, chamado “Um conto, dois contos, três contos: Encontros de Livros”.

Para diversificar e ampliar o acervo de obras da literatura infantil, cada instituição recebeu a doação de cerca de 20 livros, selecionados pelas gestoras e pela equipe do projeto. A relação de títulos você pode encontrar nas pp. 80 e 81 desta publicação, na forma de anexo.

A metodologia de facilitação de mudanças educacionais desenvolvida no CECIP é baseada em ideias de Paulo Freire e tem como princípios: a escuta dos participantes, a valorização da experiência das pessoas, a observação e a reflexão. Levamos também em conta a construção dos vínculos afetivos, o diálogo para que as trocas de experiências ocorram num clima de cooperação e apoio às necessidades de cada um.

Por que trabalhar leitura e literatura na Educação Infantil?



Na Educação Infantil, a literatura possibilita ações e propostas que ampliam as experiências das crianças com o outro, com a palavra, com a cultura.

Elas experimentam sentimentos, imaginam, interagem entre si e com os personagens e com a linguagem poética.

Para as crianças bem pequenas, antes dos livros contarem histórias eles são usados como brinquedos: levam à boca, fazem pilhas, tiram e colocam na estante, em bolsas, em caixa; várias vezes, se sentam nos livros e por aí vai. Assim, no contato permanente com os livros, as crianças se familiarizam com esse objeto.

Aos poucos, os pequenos ganham cada vez mais intimidade com os livros, folheiam, exploram as posições para apreciar melhor as ilustrações, experimentam diferentes posturas corporais para “ler” (de barriga pra baixo, barriga pra cima...), imitam pessoas que leem para elas. Logo descobrem as histórias que os livros contam e muito cedo demonstram preferências por determinadas histórias e personagens.

A brincadeira é uma forma privilegiada de as crianças pequenas conhecerem, compreenderem e expressarem o mundo. Por meio dela, podem falar sobre o texto lido, se encantar com as palavras, recontar e recriar as histórias, compartilhando suas leituras. Brincar com enredos e personagens ajuda as crianças a mergulhar no mundo ficcional.



O papel do adulto

Além de colocar livros à disposição das crianças, é fundamental qualificar a mediação nesse processo. Os professores são importantes mediadores de leitura na Educação Infantil. Eles escolhem os livros que serão apresentados e lidos para as crianças, preparam o ambiente da leitura e planejam atividades que podem ser feitas a partir das histórias. Para isso, é importante que conheçam bem o acervo literário oferecido, a qualidade e adequação para a faixa etária, entender como as crianças pequenas se apropriam do livro e da leitura, aprender diversas formas de contar uma história e preparar um ambiente gostoso e aconchegante. Tudo isso é fundamental para que as crianças possam desenvolver o gosto pela leitura desde muito cedo.

Algumas perguntas que podem nos ajudar / inspirar no momento de criação e planejamento do momento literário

Hum... deixe-me ver.. Conheço essa história? Por que vou escolher essa história? Que tipo de experiência ela poderá trazer para as crianças? Que tema aborda e de que forma?

É esse o livro! Escolhi! E agora, o que vou planejar para essa atividade? Ideias: contação de histórias, dramatizações, brincadeiras diversas, conversas sobre as histórias, construção de ambientes e personagens, criação de histórias, vídeos ou cds de histórias.

Quero contar essa história! Mas como posso fazer isso de uma forma mais interessante e divertida? Uma sugestão pode ser exercitar diferentes modos de narrar: é o contador que empresta suas emoções, sua voz, seu olhar para cada momento da história. É o intermediário entre o livro e a criança e precisa ter intimidade com o que está lendo: descobrir o ritmo da narrativa, o tom que dará a cada personagem, as modalidades de voz, as pausas, os suspense.

LEITURA EM RESUMO



A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
K
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U
V
W
X
Y
Z



AS AÇÕES DE FORMAÇÃO

A formação é o eixo estruturante deste projeto. A partir de experiências anteriores, percebemos que era preciso atuar em três frentes: envolver os gestores das creches – só gestores que tivessem “comprado” a ideia do projeto poderiam apoiar de forma eficaz o processo de mudança e promover o projeto dentro das suas instituições. É importante especificar que por “gestão” entendemos a equipe gestora – diretora, diretora adjunta e coordenação pedagógica. Aprendemos também que era preciso promover a leitura na creche como um todo, para que todos “respirassem literatura” – e pudessem compartilhar práticas. Para isto a estratégia escolhida foi ocupar duas horas do Centro de Estudos mensal da creche com atividades focadas na

literatura, envolvendo toda a equipe. Finalmente, era preciso mostrar, na prática, como uma nova forma de viver literatura na creche era possível na realidade que as professoras vivem. Para isso desenhamos e realizamos (modelamos) atividades em sala, sendo observadas pelas educadoras, que depois compartilhavam suas perguntas e planejavam ações a partir desta inspiração, reeditando e usando sua criatividade. Assim, criamos um modelo viável de formação em serviço que se mostrou muito eficaz. Apostando nas relações de parceria e apoio foi possível chegar aos resultados que descreveremos aqui.





OFICINAS COM GESTORES

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.”

(FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.)

“Para mim, a escola pública é mergulhada no universo da leitura infantil; e, na sala de leitura da escola, o projeto Balaio de Livros foi de extrema importância. Pude entender sobre a organização do espaço para as crianças terem acesso aos livros, compreendi o que seria uma leitura literária, aprendi critérios importantes para a escolha desses livros. E, principalmente, as ideias circularam nas oficinas de gestores, práticas foram compartilhadas.

Os professores Tiago e Janaína relataram – e compartilharam – suas experiências com o Balaio para todos os professores da escola; foram muitas trocas e muitos aprendizados, certamente. Me tornei mais sensível em relação ao trabalho com literatura infantil. Levo comigo os afetos, o amor e a responsabilidade de ensinar e abrir os caminhos leitores de todos os que fazem parte desse projeto, assim como o encantamento com os livros infantis e o nosso prazer, e das crianças em conhecê-los.”

(Gustavo G. dos Reis,
E.M. Rinaldo De Lamare)

Visão geral

Em oficinas mensais, as gestoras das instituições envolvidas compartilharam experiências e reflexões sobre leitura e literatura na Educação Infantil e o papel do gestor no incentivo e apoio a estas ações.

Com o objetivo de promover a formação e a articulação da equipe gestora (que inclui coordenadora pedagógica, diretora, diretora adjunta e representante legal), a troca e a reflexão sobre as experiências possibilitam o aperfeiçoamento de estratégias mobilizadoras para serem trabalhadas tanto com suas equipes de profissionais quanto com as famílias das crianças.

A estrutura desses encontros serve de referência para elas organizarem os centros de estudos e os encontros com as famílias, utilizando os princípios do diálogo e da participação.

Estrutura dos encontros

Café da manhã

Pensando na cultura brasileira, em que a comida faz parte das relações, a oficina tem início com uma mesa de café da manhã cuidadosamente pensada para cada encontro.



Leitura da agenda

Organização do tempo, permitindo a inclusão de questões trazidas pelo grupo.



BALÃO DE LIVROS

Informes

Momento de troca de informações sobre a comunidade, sobre educação infantil, oportunidades profissionais e eventos culturais.



Momento literário

Contação de uma história de forma criativa, proporcionando a oportunidade de ampliar o repertório de literatura infantil.



Tema principal do encontro

Sugestão da equipe de coordenação do projeto bem como dos gestores. Durante as primeiras oficinas, identificamos necessidades e interesses a respeito da literatura na Educação Infantil. Esses temas foram divididos entre as oficinas do ano.

O quadro com todos os temas trabalhados nas oficinas durante o projeto encontra-se na p. 79.

Corpo e mente

Leva à percepção de que o processo de aprendizagem se dá por meio de diferentes linguagens. Atividades corporais e lúdicas ampliam o repertório de brincadeiras dos participantes e proporcionam momentos de relaxamento e respiro para a retomada das discussões.



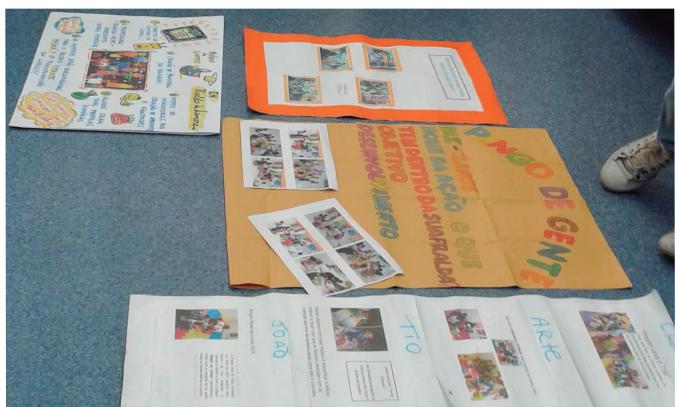
Avaliação

Realizada cada vez de forma diferente, tem o objetivo de inspirar as gestoras a serem criativas em suas maneiras de avaliar, ouvindo os participantes e incluindo suas críticas e elogios, para melhorar o planejamento dos próximos encontros.



Entre encontros

Tarefas práticas entre uma oficina e outra, a serem realizadas no cotidiano da creche. Funciona como estratégia formativa para que as reflexões experimentadas na oficina se complementem com a prática e realimentem o que foi discutido.



Com a palavra, a gestão...

“A gente tinha ali a Anna Rosa, mostrando, contando histórias... e hoje eu tenho a Cida, que se tornou a contadora de histórias da creche. Antes a gente lia, hoje a gente conta, a gente tira os personagens do livro.”

Sandra Regina P. da Silva – Creche Escola Pingo de Gente

“Parece que a parte literária, a parte do livro, deixou de ser uma diversão. A diversão das crianças agora é outra: videogame, celular... e como a gente tá conseguindo resgatar isso com esse projeto, tirando também o foco de que livro é somente didático. Livro é pra resgatar a alegria, a imaginação, as viagens, tudo aquilo que a gente pode proporcionar pras crianças, e também trabalhar as emoções, não só delas como as nossas.”

Elzete de Freitas Mesquita – Escola Recanto Lápis de Cor

“Muita gente com quem eu trabalho também não sabia que ler é uma coisa e contar é outra; e a maneira como fica instigante, a maneira como você conta a história e como você lê a história, como você prepara todo o terreno pra ler aquela história.”

Lilia Lima – Creche Arte Tio João

“Os professores do Fundamental começaram a questionar: mas e a gente? O pessoal do infantil fez isso, fez aquilo... porque eles começaram a ver a produção do Infantil. E aí eu acho que foi muito importante... e assim a gente teve momento de parar a escola e de todo mundo participar. É muito difícil a gente ter esse tipo de trabalho em que o Fundamental se dê conta dessa importância, de como as crianças do Infantil têm a possibilidade de desenvolver milhões de conhecimentos, de trabalhar o conhecimento.”

*Márcia P. Anchieta – Instituto Metodista de Ensino
Suzana Wesley*

“Eles perguntam: cadê a cesta? Eles o tempo todo perguntam... cada vez que a Elisa ia pegar o balaião, pra eles é aquela curiosidade pra saber: o que será que ela vai trazer hoje? Sempre é isso. E eles entram na história. A gente tem o relato deles entre eles. Eles se fantasiam... e o que foi legal pra gente é que abriu nossa mente que não tem necessidade, depois de contar uma história, de fazer uma atividade dirigida com aquela criança, que através da história, eles podem reproduzir com um simples tecido, com um simples pano eles criam o próprio personagem deles.”

Maria Auxiliadora Silva – ASPA (Ação Social Padre Anchieta)

CENTRO DE ESTUDOS 30-08-19

06:00 → CHEGADA
07:30 → CAFÉ DA MANHÃ
09:00 → LEITURA DA AGENDA
09:10 → OFICINA BOCA/BALÃO!
10:10 → INTERVALO
10:30 → CORPO E MENTE
11:00 → TARIA
11:30 → AVALIAÇÃO DAS CRIANÇAS
E ATIVIDADES
11:50 → REUNIÃO
12:00 → LANCHE

Projeto Batatinha
Planejamento de uma
atividade literária

Lá em cima do que
muito

Objetivos

Por que
por que

Desenvolver
muitas

LA EM CIMA
DAQUELE MORRO





CENTRO DE ESTUDOS

*“Quem ensina aprende ao ensinar
e quem aprende ensina ao aprender.”*

(FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.)

**Quem conta um conto,
aumenta um ponto**

“Os contos populares, podem ser considerados uma excelente introdução à literatura pois nada mais fazem do que trazer ao leitor, de forma acessível e compartilhável, enredos, imagens e temas recorrentes na ficção e na poesia.”

(AZEVEDO, Ricardo. “Conto popular, literatura e formação de leitores”.

Disponível em:

<http://www.ricardoazevedo.com.br/>)

Visão geral

Os Centros de Estudos são encontros mensais realizados com toda a equipe da instituição. Nesses encontros, as educadoras têm a oportunidade de estudar, discutir, compartilhar experiências e sentimentos e refletir sobre o fazer pedagógico. Assim, coletivamente, podem compreender melhor a sua prática e aperfeiçoá-la. Durante um ano, o Balaio de Livros participou desses encontros, ocupando duas horas com atividades de formação, propondo temas sobre leitura e literatura, dialogando com as experiências das educadoras e educadores.

Trabalhamos com diversos temas, como a leitura de livros de imagem, critérios de qualidade para escolha do livro infantil, organização dos espaços de leitura, questões raciais, de gênero, indígena e contos da cultura popular, e também com a diversificação de recursos e formas para a contação de histórias. Selecionamos um desses temas (conto popular) para compartilhar com vocês. Gostaríamos que o relato a seguir servisse como fonte de inspiração.

Por que esse tema

Nos primeiros encontros, nosso objetivo era conhecer as experiências das educadoras com os livros e as histórias. Que histórias ouviam na infância? Quem as contava? Que lembranças traziam desses momentos? Entendemos que talvez o conhecimento de grandes nomes da literatura e o acesso aos livros não está dado a todos em nosso país, o que nos fez pensar que a valorização da tradição oral e dos contos populares é de extrema importância e um excelente porta de entrada nesse universo dos livros.

Iniciamos lendo alguns contos populares a fim de ampliar o repertório em relação à literatura e à tradição oral, mas principalmente para servir como elemento mobilizador das rodas de conversa sobre as histórias de cada profissional.

Desenvolvimento

- Ambientar a sala com um painel feito de tecido (como juta) para expor alguns textos da cultura popular, como cantigas de rodas, trava-línguas, parlendas, poesias.

- **Leitura de um conto popular**

Escolhemos o texto de origem africana *Como o gato e o rato se tornaram inimigos?* Antes de ler o conto, devemos fazer perguntas provocadoras sobre o texto para o grupo.

Exemplo: por que o rato e o gato são inimigos? Essa pergunta, em geral, provoca diversas reações nos grupos e sempre ajuda a descontrair.

- **Puxar o fio da memória.** Pedir que cada uma feche os olhos e puxe da memória alguma história que ouviu, leu, vivenciou.

Como o gato e o rato se tornaram inimigos

No tempo em que os gatos e ratos ainda eram amigos aconteceu uma grande enchente. Os rios transbordaram inundando os campos e as florestas.

Um gato e um rato foram pegos de surpresa pela chuvarada enquanto colhiam mandioca. Ficaram ilhados no alto de um morro, não sabendo como voltar para a aldeia onde moravam:

– E agora? – Perguntou o gato.
– Tenho umas ideias – respondeu o rato. – Que tal construirmos uma jangada com os talos de mandioca?

O bichano aprovou a proposta do companheiro e começaram imediatamente a preparar a improvisada embarcação com os talos de mandioca que haviam colhido durante o dia inteiro de trabalho.

Logo que a jangada ficou pronta, os dois lançaram-na à água e puseram-se a caminho de casa. Como o rio estava muito cheio, tinham que ir remando devagarinho.

Remaram e remaram até que o rato, morto de fome, resolveu comer um pedacinho da jangada.

– O que está fazendo? – Perguntou o felino.

– Estou com fome e por isso vou roer um bocadinho da jangada – respondeu o rato.

– Nada disso! – gritou o parente da onça. – Continue a remar!

Quando anoiteceu, cansado também de remar, soltou um miado e acabou dormindo. O dentuço aproveitou-se do sono do colega e começou a roer. Roeu tanto, que terminou fazendo um buraco bem no meio da jangada e CATIBUM!!! Afundaram! Por sorte estavam perto da margem. Com muito esforço chegaram em terra firme, então, o dorminhoco, enfurecido, falou para o roedor.

– Agora quem vai te comer sou eu, seu desastrado!

– Mas estou todo enlameado. Espere aqui um pouquinho que eu vou me lavar – disse o comilão ao mesmo tempo que desaparecia pela sua toca adentro.

Para se vingar, o outro esperou um tempão até perceber que tinha sido enganado. E é por causa dessa briga que eles são inimigos até hoje.

(BARBOSA, Rogério Andrade. *Bichos da África 4*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.)

- **Conversar sobre histórias** da tradição oral /contos populares com o apoio do texto *Cultura popular, literatura e escola*, de Ricardo Azevedo (disponível em: www.blogletrinhas.com.br).

O texto pode ser lido coletivamente.

- **Apresentar a Caixa de Pensamentos.**

Brincar que a caixa captura pensamentos quando se aproxima das pessoas. Pedir que retirem os pensamentos da caixa... quadrinhos, trava-línguas, parlendas.

- **Brincar com a parlenda Cadê?** E preparar material para interagir com as crianças.



Cadê?

Cadê o toucinho que estava aqui?
O gato comeu
Cadê o gato? Foi pro mato
Cadê o mato? O fogo queimou
Cadê o fogo? A água apagou
Cadê a água? O boi bebeu
Cadê o boi? Foi carregar trigo
Cadê o trigo? A galinha espalhou
Cadê a galinha? Foi botar ovo
Cadê o ovo? O frade bebeu
Cadê o frade? Tá no convento

Diário de bordo

Após a leitura do conto popular *Por que o gato e o rato são inimigos?* de Rogério Andrade Barbosa, as educadoras começaram a narrar histórias ouvidas na infância, contadas pelas mães, pais e avós, vindas de diferentes regiões do Brasil: Gritador, Assobiador, Lobisomem, Loira do Banheiro, Mãe D'água. Quase todas as histórias relacionadas ao medo, a um homem que carregava um morto, morte no açude, assombração. O grupo se divertiu e se emocionou com as lembranças, tentavam prolongar esse momento procurando na memória outras narrativas. Ficou evidente o quanto a literatura oral tem enorme significado na vida de todas elas. Além de narrar as histórias ouvidas, falaram sobre suas infâncias: onde viviam, com quem viviam, o que sentiam e do que brincavam. Foi um momento muito rico para a equipe que teve a oportunidade de se conhecer um pouco mais e perceber que entre o grupo havia vivências comuns.

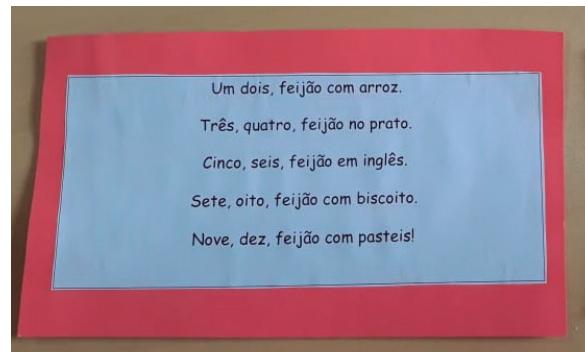
Confira os materiais utilizados

- Caixa de sapatos encapada (Caixa de pensamentos).
- Cartelas coloridas com parlendas, quadrinhas, trava-línguas.
- Tecido (juta).
- Uma cópia por pessoa do texto com conceitos do Ricardo Azevedo.

O que é parlenda?

Um conjunto de ditos sonoros, rimados e/ou ritmados, utilizados para brincar com as palavras, com a lógica, com a memória.

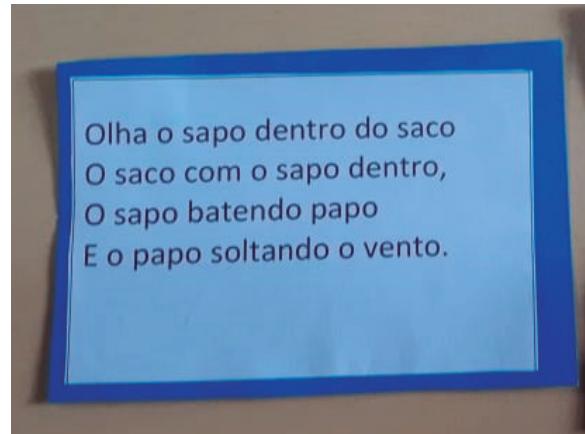
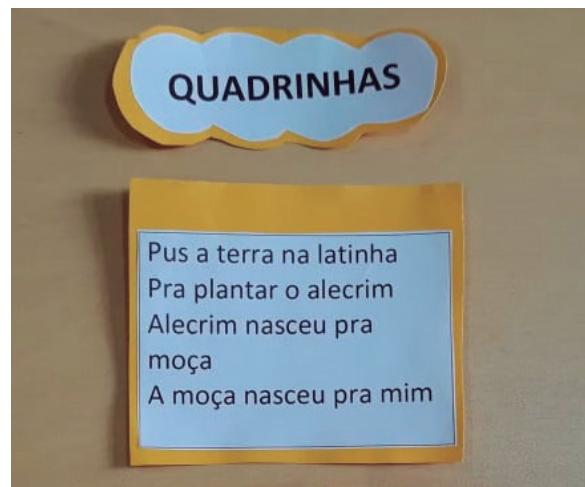
“Dedo mindinho, seu vizinho, pai de todos,
fura bolo e cata piolho.”



O que são quadrinhas?

São estrofes de quatro versos, compostos geralmente por sete sílabas poéticas cada, com o segundo e o quarto versos rimando entre si e o primeiro e terceiro livres.

“Laranjeira pequenina carregadinha de flores, eu também sou pequenina, carregadinha de amores.”



O que é trava-língua?

Verso ou frase constituídos por uma sequência de sílabas e palavras difíceis de pronunciar de maneira clara e rápida.

“Se vaivém fosse e viesse, vaivém iria, mas como vaivém vai e não vem, vaivém não vai.”





ATIVIDADES EM SALA COM AS CRIANÇAS

“O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.”

(QUINTANA, Mário. *Caderno H.* Porto Alegre: Globo, 1973)



Visão geral

Uma vez por mês, a facilitadora realizava uma atividade com as crianças de uma turma definida pela instituição. Depois da atividade, ela e a educadora se reuniam para conversar e refletir sobre o que havia acontecido.

Algumas perguntas que nortearam as conversas: Como ocorreu a atividade? Por que o livro foi escolhido? Qual o objetivo da atividade desenvolvida? Como se deu a interação das crianças com a história? E entre elas? E com a facilitadora? Como se deu a interação da facilitadora com as crianças? O que as crianças falaram? O que chamou a atenção? O que poderia ter sido feito de outra forma?

Essas reflexões contribuíram para que as educadoras fizessem descobertas que possibilitaram mudanças na mediação da leitura com e para as crianças.

Descobertas em relação à atividade de mediação

Nos momentos de conversa com as educadoras após as atividades, pudemos refletir sobre outras possibilidades do fazer pedagógico, como a forma de apresentar as histórias e os livros: ler, contar, dramatizar, utilizar recursos e levar para as crianças elementos e personagens das histórias para que pudessem brincar.

Com as crianças pequenas, as histórias são contadas para elas e com elas. Esta descoberta contribuiu para que as professoras sentissem mais prazer nesse momento, pois entenderam que quando as crianças falam durante a história, perguntam, ou levantam para pegar o livro, como no caso dos bebês, não significa desinteresse ou falta de atenção. Assim, passaram a observar mais e a valorizar as manifestações das crianças durante a contação ou leitura da história.

No capítulo “Baú do tesouro” (p. 43), você vai encontrar as atividades que foram desenvolvidas com as crianças. São algumas ideias e sugestões que podem servir de inspiração.



Não-Babada

O Não-Babada tem dez unhas na cabeça, três olhos rabisgados e
cinco narizes de lata.

Ele aparece na noite em que a minha mãe me dá a mão pra atrair
vozinha à noite. Sabe, ela só consegue atrair a noite espremendo a mandi-
nha da frase "Aí, mãe tá chencha!", mas quando me ouviu, por isso que
mais tarde eu chorei "Aí, mãe tá chencha!", mas elendo-me ouviu o não-Babada e
na noite de amanhecer o não-Babada veio. Com suas três olhos rabisgados e
cinco narizes de lata, ele ficou pra ele localizar a posição exata da
minha mãe quase esmagada. Rapidinho como um rato o monstro aparece
sentado no sono de minhas e de lá atira, diretamente no mês de minha
mãe mais quase esmagada. Rapido como um rato o monstro apaga

mais mais de mil grana de sua balha negra Chumim Arg. Teal Bling Age

Mais vale a pena minha mãe atrasar a mão no ato
ou ficar com vontade de vomitar.





DIVERSIFICAR APRENDIZAGENS: POR ONDE ANDAMOS?

“Um leitor não se faz sozinho, mas por meio de uma rede que envolve práticas, livros, leitores outros que sejam capazes e semear sentidos de pertencimento da literatura no cotidiano humano.”

(SALUTTO, Nazareth. Literatura, ética e alteridade. Seis propostas para a formação do leitor. *Fronteira Z: Revista Programa de Estudo pós-graduados em Literatura e crítica literária da PUC-SP*. n. 22, jul 2019. Disponível em: <https://revistas.pucs-p.br/fronteiraz/article/view/37425>)

Um conto, dois contos, três contos: Encontros de livros

Para promover o contato das crianças pequenas com o processo criativo da feitura de livros e a integração das famílias com o projeto, foram realizados três eventos chamados “Um conto, dois contos, três contos: Encontros de livros”. Com o intuito de abordar o livro segundo as dimensões das palavras e das imagens, foram convidados, para cada encontro, um ilustrador e um escritor, os quais contavam a história publicada e o caminho percorrido, da ideia até o livro impresso.

Essa aproximação entre autores, crianças e suas famílias é muito importante para estimular a curiosidade sobre as obras e incentivar a leitura. Além disso, ajuda a quebrar o paradigma que coloca esses artistas num lugar de distanciamento das pessoas, ampliando assim as possibilidades do fazer na vida desses pequenos e dos familiares.

A Biblioteca Parque da Rocinha foi sugerida pelo grupo de gestoras como o local ideal para esses eventos literários, com a intenção de fomentar a ocupação desse espaço ainda desconhecido por muitas famílias.

Nos encontros, a partir da demanda trazida pelo grupo de gestores, contemplamos histórias da cultura popular, da cultura indígena e africana, incluindo personagens negros, e histórias sobre bichos-papões.

Escritoras e ilustradoras mulheres foram priorizadas nos convites para a apresentação de trabalhos, já que em nossas pesquisas vimos o quanto elas são invisibilizadas. Tivemos também duas apresentações voltadas especialmente para educadoras: uma focada em conhecer mais sobre livros de imagens, escolhendo como exemplo um livro com uma lenda indígena; e outra com uma indígena, que analisou as produções com esta temática publicadas no Brasil.

As autoras/autores presentes nos encontros foram:

- CLAUDIO CECCON
(*Menina bonita do laço de fita*)



- **SÔNIA TRAVASSOS**

(*Bicho-papão pra gente pequena, bicho-papão pra gente grande e Lá em cima daquele morro*)



- **LUCIANA NABUCO** (*OKAN-A casa de todos nós*)



- **MARCELO PIMENTEL** (*O fim da fila*)



Passeios culturais

O conceito de cidade como agente educador e a garantia de acesso ao patrimônio cultural são princípios norteadores para a organização da proposta de passeios culturais desenvolvida no trabalho de formação em serviço oferecido pelo CECIP.

FLIST – Festa Literária de Santa Teresa



A FLIST, organizada pelo CEAT (Centro Educacional Anísio Teixeira), foi escolhida para fortalecer o aspecto cultural do projeto. Durante o evento, além do contato com autores, ilustradores, contadores de história e editoras, o passeio por Santa Teresa (bairro bucólico e com forte movimento artístico e cultural), somado à subida de bondinho, foram fatores que em muito enriqueceram o evento.



IMS (Instituto Moreira Salles) e CIESPI (Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância)



Com o desejo de unificar celebração, aprendizado e acesso, a última oficina de gestores do ano aconteceu no centro cultural do IMS, que fica na Gávea, no mesmo bairro da Rocinha, com realidade social tão diferente. No início da manhã fomos recebidos no espaço do CIESPI para um farto e delicioso café da manhã colaborativo, quando cada instituição ofereceu um alimento. Em seguida, fomos caminhando para o IMS, onde visitamos a exposição *Escrever com a Imagem, Ver com a Palavra*, da fotógrafa inglesa Maureen Bisilliat, que dialoga com a obra de grandes nomes da literatura nacional – Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Adélia Prado, Ariano Suassuna, Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, entre outros.







BAÚ DO TESOURO

Este capítulo é composto por atividades escolhidas a dedo!

Os livros que as inspiraram foram: *Chapeuzinho Vermelho*, *Bicho Folharal*, *Pássaro Amarelo*, *Eu sou assim e vou te mostrar*, *Caixa de brincar*, *Um curumim, uma canoa*, *Abaré*, *Esconde-esconde na escola* e *João e o pé de feijão* (em cordel).

Para cada um desses livros a equipe do Balaio criou – junto com as educadoras – um repertório diversificado de estratégias para contar as histórias. Registramos aqui cada passo para que sirva de inspiração para outras educadoras.

E lá nos “Anexos”, ao final desta publicação, você irá encontrar uma lista de livros interessantes para enriquecer seu acervo.



Chapeuzinho Vermelho

A clássica história da menininha do chapeuzinho vermelho enviada pela mãe à casa da vovozinha que está doente e, no caminho, no meio da floresta, encontra o “terrível” lobo mau...

**Por que esse livro?
Por que essa atividade?**

O livro foi escolhido para o primeiro encontro com as crianças na creche por trazer uma história conhecida por elas e por ser um conto clássico da tradição oral com diversas possibilidades e recontos.

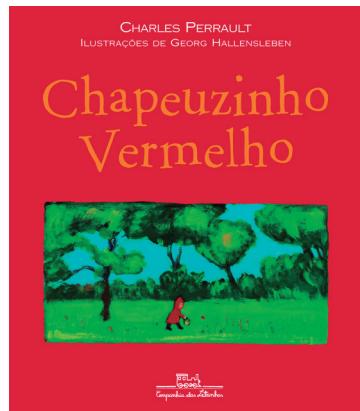
A atividade, além dos objetivos de ampliar o repertório e incentivar a imaginação e encantamento das crianças pelos livros, foi uma oportunidade para as facilitadoras e as crianças se conhecerem melhor e revisitarem essa história.

Desenvolvimento



- Ambientar a sala com um tecido e um balaiô – que nada mais é que um cesto grande e que dá nome ao projeto –, com um TNT vermelho dentro. *A sala pode ser ambientada com diversos elementos.* O importante é criar um clima envolvente e aconchegante que marque o momento da contação da história.
- Convidar as crianças para que se sentem em volta do tecido e se apresentem.
- Brincar que o livro sumiu. A educadora diz que contará uma história e quando se aproxima do balaiô para pegar o livro, não o encontra. Suspense! O livro sumiu! Assim, cria-se um clima de magia e brincadeira antes mesmo de iniciar a leitura.
- A seguir, o livro é encontrado e a história começa.

- Ao terminar a contação, uma boa atividade para exercitar a imaginação é brincar com o balão, perguntando às crianças o que elas gostariam de colocar dentro dele para levar para a vovó. Para essa gostosa brincadeira podemos também levar objetos ou recortes de revistas com figuras para que as crianças escolham e coloquem no balão da Chapeuzinho.
- Usar tecidos de diversas cores, que se assemelhem às cores das ilustrações ou mesmo tecidos encontrados na instituição podem favorecer a brincadeira das crianças.
- Apresentar outras versões da história da Chapeuzinho Vermelho e conversar com as crianças sobre elas, suas ilustrações e projetos gráficos é um exercício bem interessante, pois ajuda a desenvolver o olhar crítico sobre a obra.
- É importante oferecer mais de uma possibilidade para a turma. As crianças têm interesses diferentes. Após a leitura da história, elas podem escolher entre brincar com os tecidos, ver e contar as histórias ou brincar com o balão e as gravuras das revistas.



Confira os materiais utilizados

- O livro *Chapeuzinho Vermelho* (para esta atividade usamos a versão de Charles Perrault).
- Balaio e tecido (chita).
- Pequenos cartões com imagens: doces, objetos, flores, personagens etc., que possam fazer parte da brincadeira.
- Tecido vermelho e de outras cores.

Sobre o autor

Charles Perrault nasceu em 1628, em Paris, França, onde viveu até 1703, quando morreu aos 75 anos. Membro da alta burguesia, Perrault foi imortalizado por criar uma literatura de cunho popular que caiu no gosto infantil, contando também com a aprovação dos adultos. Com pouco mais de 50 anos, trocou o serviço ativo pela educação dos filhos. Movido por esse desejo, começou a registrar as histórias da tradição oral contadas, principalmente, pela mãe ao pé da lareira.

Na internet:

<https://globaleditora.com.br/autores/biografia/?id=1326>

Diário de bordo

A história de Chapeuzinho Vermelho mobiliza as crianças. Elas têm a oportunidade de expressar seus sentimentos e medos e também de se confortar através do imaginário. Após a leitura do livro, as crianças brincaram de se transformar em lobos, chapeuzinhos, mamães e caçadores. Demonstraram medo do lobo, medo de serem devoradas, medo de perderem alguém querido, de se perderem. Enquanto brincavam, um menino, com o livro nas mãos, se aproximou de mim e perguntou: "Tia, o lobo vai pegar a minha avó Zena?". Esses momentos são preciosos, pois temos a oportunidade de conversar e acolher as crianças.

Na versão de Perrault, não há caçadores e o lobo come a vovó e a Chapeuzinho. Mas na brincadeira das crianças, após a leitura da história, havia muitos caçadores que salvaram as duas personagens. Assim, experimentaram diferentes papéis.

O que disseram as crianças?

“Eu não vou levar nada pra minha vó porque não vou passar na floresta!”

“Quem é esse? Papai Noel?” (Criança ao ver a imagem da vovó na cama.)

“O lobo vai cuspir a Chapeuzinho!!!” (Criança na expectativa de que Chapeuzinho saísse de dentro da barriga do lobo.)

“Tenho uma ideia! As meninas são Chapeuzinho e os meninos o lobo!!!”; “Não!!! Sou o homem que sopra gelo, vou congelar o lobo!!!” (A criança soprou e a outra paralisou, como se fosse o lobo congelado.)

Com a palavra educadoras e educadores...

“Imagens diferentes e o fim inusitado! Mas foi interessante ler o texto porque as crianças vão conhecendo palavras novas. Também foi muito interessante ver como reorganizaram as imagens que estavam na cesta para dividir, sem deixar ninguém sem, pelo menos, uma coisinha (imagem) pra levar pra vovó.”

“As crianças se identificaram com a ilustração da Chapeuzinho pequena, subindo no banco pra se olhar no espelho. Aqui na sala elas adoram o espelho.”

Para a conversa com a educadora, a facilitadora levou duas versões da Chapeuzinho, com ilustrações e textos diferentes. Depois de lerem juntas, a educadora falou um pouco sobre o que mais chamou a atenção: “Uma mostra tudo, mais mata e paisagem. A outra mostra mais os personagens do que o todo. Uma segue a história daquele jeito, né? Tem o caçador que salva a vovó e a Chapeuzinho. A outra não tem caçador e o lobo come as duas e ponto. Essa que você contou, eu nunca tinha visto!!!”

“Meu pai contava histórias desde que eu era pequena, no mato com lamparina. Reunia todo mundo! Eu só fui pegar um livro quando tinha 15 anos, as histórias eram contadas de cabeça.”



O bicho folharal

O bicho folharal conta a história da onça – muito mal-humorada – que decidiu, sem razão alguma, impedir o macaco de beber água na sua fonte. Era a única fonte disponível na floresta para matar a sede dos animais! O macaco tem a brilhante ideia de se lambuzar de mel e se cobre de folhas, e aí...



**Por que esse livro?
Por que essa atividade?**

O livro *O bicho folharal* baseia-se num conto popular e, na edição escolhida, a história é contada e ilustrada por Angela Lago e faz parte da coleção *Virando Onça*. Objetivou-se ampliar o repertório de leitura das crianças com diferentes tipos de textos do folclore brasileiro.

Desenvolvimento



- Ambientar a sala com uma chita, um balaio, um tecido de onça.
- Convidar as crianças para que sentem em volta do tecido, se apresentem e perguntuem o nome de cada uma.
- Contar para elas que o Balaio traz histórias muito incríveis e que naquele dia será a história de uma onça que implicava com um macaco. Nesse momento, pode-se mostrar o tecido de onça e brincar com ele, balançando-o perto de cada uma; a seguir, apresenta-se o macaco de pelúcia.
- Com os personagens por perto, mostrar o livro para as crianças, dizendo que a história está guardada e escrita naquele livro. Contar a história trazendo para o centro da roda os personagens. Como o macaco se disfarça de bicho folharal para enganar e distrair a onça, é interessante fazer um disfarce e usar no macaco de pelúcia enquanto a pessoa narra a história.
- Em algumas turmas foi feita a leitura do livro e só depois apresentados os elementos e o personagem. Essas variações são feitas a partir da percepção dos professores.

- Os professores podem musicar a fala do bicho folharal “eu sou o bicho folharal que chegou...”
- Após a leitura, convém possibilitar que as crianças brinquem com os elementos da história ali presentes: tecidos, disfarce, macaco. No momento da brincadeira, as crianças costumam fazer comentários, expressar opiniões e sentimentos em relação ao que ouviram.
- É muito importante que as crianças possam ter em mãos o exemplar utilizado. Neste momento deve-se oferecer também outros livros para elas.

Confira os materiais utilizados

- O livro *O bicho folharal*.
- Balaio e tecido (chita).
- Macaco de pelúcia.
- Disfarce para o macaco.
- Tecido com estampa de onça.
- Tecidos verdes ou outras cores que se assemelhem a folhas.



Sobre o autora

Angela Lago nasceu em Belo Horizonte, em 1945. Com três anos de idade começou a desenhar e nunca mais parou. Rabiscava as paredes da casa, o piso do pátio... não havia papel que bastasse! Foi um alívio para todos quando o computador foi inventado e ela passou a usar a tela virtual, onde atualmente faz seus desenhos, seus livros e as animações do seu site.

Na internet:

<http://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/O-encontro-de-Angela-Lago>

Linhos de Histórias – O livro ilustrado em sete autores:
<https://www.youtube.com/watch?v=4r4aiiXLYiU#action=share>

Diário de bordo

As crianças ficaram bem animadas com os dois personagens: onça e macaco. Davam gritinhos. Coloquei o livro nas mãos do macaco, como se tivesse sido trazido por ele. Fui abrindo-o lentamente, desde a capa e perguntava, “começou a história?”, eles gritavam “Não!” Até que chegou na página que continha o primeiro texto. Enquanto narrava, trazia os personagens para o centro da cena. Criei uma melodia para a fala do macaco “Eu sou o bicho folharal, que cheguei do matagal.”

Quando terminamos, as crianças brincaram com o macaco e seu disfarce, e também manusearam o livro. Uma das meninas, enquanto a brincadeira acontecia, pegou o livro discretamente e sentou-se na mesa para ler a história.

Coleção Virando Onça

Além de O bicho folharal, a coleção traz outros contos populares que foram lidos para as crianças.



O que disseram as crianças?

Uma menina pegou o livro e recontou a história para ela mesma em voz baixa. O corpo expressava cada passagem, com muitos gestos. No momento em que o bicho folharal se apresentou aos animais com uma cantoria, ela se balançou no ritmo e balançou o livro junto. A leitura foi feita com o corpo inteiro.

Um menino se cobriu com o tecido da onça e ficou sentado lendo outros livros.

Com a palavra educadoras e educadores...

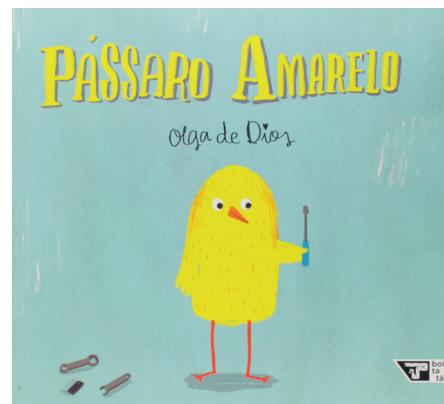
Eu gosto muito de trazer o personagem do livro para a sala. Percebo que as crianças pequenas gostam de brincar com os personagens, estabelecem vínculos afetivos. Algumas crianças ficaram solidárias ao bicho folharal, cuidavam dele. Dias depois de termos contado a história, uma menina pediu um copo de água para dar ao macaco que passou a morar na sala.





Pássaro amarelo

O pássaro amarelo é muito inteligente. O que ele mais gosta de fazer é passar o dia em sua oficina criando coisas novas que seus amigos pássaros adoram usar. Um dia, porém, seus amigos aprendem a voar e vão viajar pelo mundo...



**Por que esse livro?
Por que essa atividade?**

O livro *Pássaro amarelo*, de autoria de Olga de Dios, que também ilustra o livro, apresenta um enredo de criação e cooperação entre os personagens, além da diversidade de bichos, lugares e invenções que as crianças desconhecem. Assim, mais que ampliar o repertório, a atividade permite trabalhar formas de comunicação e estimula a criatividade.



Confira os materiais utilizados

- O livro *Pássaro amarelo*, de Olga de Dios.
- Balaio e tecido (chita).
- Fantoche pássaro amarelo.
- Cartões-postais.
- Cartolina cortada em tamanho de cartão-postal.
- Bolsa amarela (Carteiro Téo). Imagens dos personagens em cartelas recortadas.
- Giz de cera, lápis coloridos, canetinhas.
- Tecidos coloridos.
- Sucatas.

Desenvolvimento

- Ambientar a sala com o tapete, balaio, tecido para forrar o balaio (tecido colorido), cards com personagens, cartões-postais, cartões em branco, giz de cera e fantoche pássaro amarelo.
- Convidar as crianças para sentarem em volta do tecido. Mostrar o livro e explorar a capa. Sobre o que será essa história? Ler, mostrando a escrita do título e dos nomes dos autores.
- Ler a história, explorando as imagens e as perguntas que estão em algumas páginas no canto superior, interagindo com as crianças, convidando-as a participar.
- Durante a história, na página em que aparece o carteiro Téo, o pássaro amarelo e a imagem dos cartões-postais, perguntar para as crianças quem já viu um cartão-postal e apresentar os cartões que estão no balaio.
- Ao final, perguntar se alguém quer mandar um cartão-postal para um amigo e oferecer o material que está sobre o tapete.
- Outra opção é perguntar se alguém gostaria de fazer uma “invenção”, disponibilizando a sucata.

Sobre o autora

Olga de Dios nasceu em 1979 em San Sebastián, na Espanha, e mora no bairro de Lavapiés, em Madri, há mais de dez anos. Se formou como ilustradora e como arquiteta em Madri e na Bélgica. Em 2013, recebeu o Prêmio Apila First Impression e publicou seu primeiro livro infantil: *O monstro rosa*. Desde então, escreveu e ilustrou diversos livros e se dedica à criação de obras para crianças, desenvolvendo sua atividade profissional de forma independente.

Na internet:

<http://olgadedios.es/libros/>

Diário de bordo

Li a história explorando as imagens e as perguntas que estão em algumas páginas no canto superior, interagindo com as crianças, convidando-as a participar. No primeiro grupo, havia um menino chamado Téo que antecipava muitas coisas da história. Ele interpretava a imagem e concluía o que ia acontecer. Por exemplo: “Ele vai inventar um jeito de voar!!!” Observou que o carteiro tem o mesmo nome que o seu e ficou muito feliz. Compreendeu que o pássaro era diferente dos outros por ter asas pequenas. Theo sabia o que é um postal: “Eu sei o que é postal. É quando alguém está num lugar e manda para outra pessoa que está em outro lugar”.

O que disseram as crianças?

“Qual o nome do amigo? “Bicho Folharal!!!”; “Não!

É o jacaré!!!”

“Olha a bolsa Mágica!”; “É a bolsa do Téo!!!”

“É uma história romântica!”. O que é romântico?

“O que é bonito.”

“Vou mandar um cartão-postal pra bruxa, ela é minha amiga.”

Enquanto outras crianças faziam postais, dois meninos aproveitaram para explorar com tranquilidade os materiais. Um pegou o livro e o outro um cartão-postal com a imagem da Rocinha.

Com a palavra educadoras e educadores...

“É um livro que fala sobre as diferenças mostrando coisas novas e que podem ser exploradas. Eles ficaram muito curiosos quando viram o mapa da Terra e associaram às cores dos ovos, que já viraram possíveis ovos de dinossauros na imaginação das crianças!”

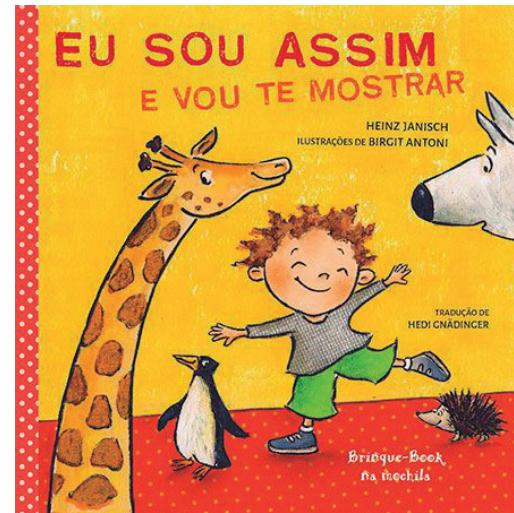
“Quando você começou a contar a história, achei um pouco complexo... que as crianças não entenderiam. Mas conforme elas foram perguntando e descobrindo coisas que nem eu tinha visto no livro, me surpreendi com o repertório que elas já têm.”





Eu sou assim e vou te mostrar

Texto em rima, apresentando as partes do corpo de um menino e de muitos animais. "SE TEM BOCA OU É BICUDO, UM BEIJINHO CURA TUDO!"



**Por que esse livro?
Por que essa atividade?**

O texto é divertido e aborda de forma lúdica as diferenças e semelhanças, brincando com o paralelo entre corpos humanos, de animais e objetos, com muitas cores e possibilidades de expressões. Nesta atividade pode-se explorar e brincar com as partes do corpo, incentivando a imaginação.



Confira os materiais utilizados

- O livro *Eu sou assim e vou te mostrar*, de Heinz Janisch e Birgit Antoni.
- Tecidos e balão.
- Caixa surpresa com elementos da história e/ou objetos que possam ser usados no corpo (pulseira, cordão, óculos, meias etc.).
- Pedaços de tecidos coloridos.

Desenvolvimento

- Ambientar a sala com o tecido de chita, balão com tecidos coloridos e a caixa surpresa com elementos da história.
- Convidar as crianças para sentarem em volta do tecido, instigar a curiosidade e iniciar a leitura.
- Ao terminar a história, fazer uma roda de comentários sobre o livro com as crianças, sobre o que identificaram nelas mesmas e no outro.
- Brincar com a história, a partir das partes do corpo, tanto das crianças, quanto dos animais. Vamos brincar com o corpo? Para essa brincadeira podemos convidá-las a experimentar os sons e expressões dos personagens da história.
- Outro recurso que pode ser usado são os elementos da caixa surpresa e os tecidos que estão no balão.
- Ao final da brincadeira, oferecer livros para que possam apreciar.

Sobre o autor e a ilustradora

Heinz Janisch, o autor do texto, formou-se em alemão e jornalismo em Viena, Áustria. É autor de livros, peças de teatro e escreve também para o rádio. Por seus livros, já recebeu muitos prêmios, entre eles o Bologna Ragazzi e o Prêmio Austríaco de Literatura Infantojuvenil.

Na internet:

<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01403>

Birgit Antoni é a ilustradora. Nasceu em Colônia, Alemanha. Estudou na Universidade de Artes Aplicadas de Viena (Die Angewandte) e passou dois anos escrevendo sua tese de mestrado em desenho gráfico. Em 1994, depois de um projeto de curso, surgiu seu primeiro livro infantil. Ela trabalha como designer gráfica e ilustradora e já colaborou em mais de cinquenta livros infantis.

Diário de bordo

Durante a leitura, as crianças brincavam com seus corpos, reproduzindo as expressões que apareciam nas imagens, com o rosto, sons e movimentos. Quando terminei de contar a história, uma das educadoras “inaugurou” a caixa surpresa sacando os dedoches – três porquinhos e um lobo – e começando uma história imaginária, convidando as crianças a participarem da criação. Foi um tal de lobo ficar amigo dos porquinhos e uma bruxa que chegou pra se juntar e comer bolo na casa dos três porquinhos!

O que disseram as crianças?

“Eca!!! Sopa de nariz de meleca e barriga de biscoito com leite!!!”





"A minha boca é maior que a do jacaré e do leão!!! AAAhhuuu!!!"



"Eu sou a bruxa com cara de sapo!!!"

Com a palavra educadoras e educadores...

"Antes de você chegar, sempre relembro com eles as histórias que contamos nos encontros anteriores e os personagens. Eles lembram de tudo!"

"Essa foi a história que eles mais curtiram até agora. Amaram os dedoches! Foi possível trabalhar várias coisas e dá pra trabalhar ainda mais; mas, como são crianças... têm o tempo delas. Escolhi esse livro para o 'Entre Encontros' do centro de estudos pelo tema, ilustração, letras, que se adequam à creche em si; desde o pequeninho ao maior."





Caixa de brincar

Caixas grandes, pequenas, redondas, quadradas...

O que será que a criança vai fazer com elas?

Dedicado aos bem pequenos, Caixa de brincar é uma homenagem à capacidade que eles têm de se divertir com muito pouco: uma folhinha, uma lata, uma tampa de panela, uma caixa vazia... ou duas!



Por que esse livro?

Por que essa atividade?

O *Caixa de brincar* conta uma história que convida ao movimento e à exploração de espaços e objetos por parte das crianças bem pequenas, estimulando o interesse delas por objetos que faz com que imaginem um mundo rico, com materiais simples e pouco valorizados pelos adultos. É um convite para brincar de modo criativo sem precisar de brinquedos sofisticados.

Desenvolvimento



Confira os materiais utilizados

- O livro *Caixa de brincar*, de Leninha Lacerda.
- Balaio e tecido (chita).
- Caixas com cores, texturas e tamanhos variados.
- Tampas plásticas grandes bem lavadas e sem cheiro.

- Ambientar a sala com o tapete, um tubo colorido com tampas dentro para chamar a atenção dos bebês, e balão com o livro dentro.
- Começar a sacudir o tubo cantando “e agora minha gente uma história eu vou contar/ uma história bem bonita, todo mundo vai gostar” para que as crianças se aproximem.
- Apresentar o livro e começar a leitura interagindo com as crianças, mostrando as ilustrações, emitindo sons de surpresa, etc.
- Fazer suspense ao apresentar as caixas de vários tamanhos para os bebês explorarem como quiserem. Observar suas reações.
- Colocar em uma das caixas um emaranhado de fios de lã, tampas de amaciante de roupa bem lavados e sem cheiro (ou outro objeto grande o suficiente, que não apresente perigo de ser engolido) para incentivar ainda mais a exploração.
- Depois da surpresa e junto com a brincadeira das caixas, apresentar novos livros para as crianças manusearem.

Sobre o autora

Leninha Lacerda é escritora, ilustradora e mora em São Paulo. Trabalha para editoras fazendo arte para livros infantis, literatura e didáticos. Estudou cinema na FAAP-SP e até se aventurou nessa área por algum tempo, mas logo voltou aos desenhos, atividade que hoje é seu trabalho e seu prazer.



Diário de bordo

A história foi contada para os bebês do Berçário II. Usei muitas expressões e entonações diferentes para criar um clima de suspense a cada virada de página. Eles ficaram encantados.

O que disseram as crianças?

As crianças disputaram espaço nas caixas. Uma delas, inclusive, entrou em uma, deitou-se lá dentro e não quis sair mais.

Com a palavra educadoras e educadores...

“Primeiro, a gente tem que se interessar pela leitura para desenvolver esse interesse nas crianças.” A educadora descobriu também que em sua sala, alguns bebês pegam os livros e ficam passando as folhas, imitando o que ela faz. “Agora eu tenho alguns contadores de história na sala.”



Um curumim, uma canoa e Abaré

Em Um curumim, uma canoa, Aguiry é um curumim que se prepara para uma grande aventura. Ele tem uma canoa e com ela percorre o reino da cobra grande. Mas espere aí! Uma criança percorre sozinha um reino tão perigoso?

Abaré significa "amigo" em tupi-guarani. Esse é o nome que recebe um indiozinho muito especial, personagem central da história. A obra conta, por meio de belas ilustrações, a história desse curumim curioso e esperto que adora conhecer novos lugares e descobrir as diferenças que existem em cada espécie.

Por que esse livro? Por que essa atividade?

Com essas histórias as crianças têm a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a cultura indígena brasileira. É muito importante que as novas gerações não se esqueçam das raízes que formam o nosso povo. Nesta atividade, as educadoras podem explorar as belíssimas ilustrações, ampliar o repertório da criança quanto à literatura indígena; e incentivar a imaginação e encantamento das crianças pequenas para a diversidade de nosso país.

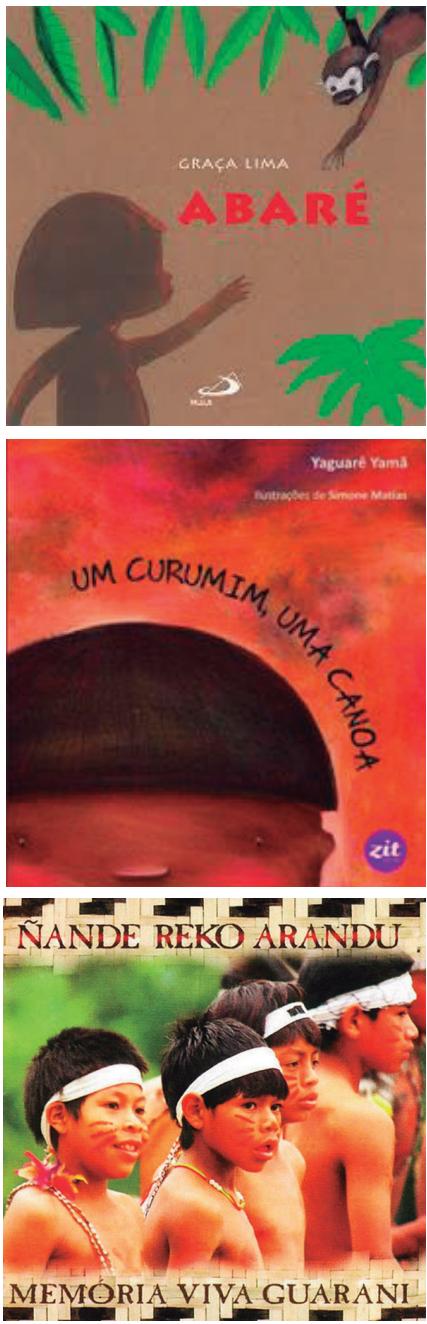


Confira os materiais utilizados

- O livro *Um curumim, uma canoa*, de Yaguarê Yamã.
- O livro *Abaré*, de Graça Lima.
- Balaio e tecido (chita).
- Esteira.
- Pau de chuva.
- Tecido de onça.
- Música indígena e aparelho de som ou celular e caixa musical.
- Goma de tapioca.

Desenvolvimento

- Ambientar a sala com uma chita, um balaio com tecido de onça, uma esteira e outros elementos disponíveis, como folhas de bananeira, etc. Pode-se também colocar uma canção indígena para tocar.
- Convidar as crianças para sentar em volta da chita e iniciar a leitura do livro.
- Após a leitura, brincar com a história, a partir da viagem imaginária de Aguiry, o curumim. “Vamos fazer uma aventura como a do curumim?” Para essa gostosa brincadeira podemos transformar a esteira em canoa, e construir junto com as crianças uma história dramatizada. A professora conduz a narrativa da brincadeira, instigando as crianças a participar.
- Sugestão para o lanche do dia ou café da manhã: beiju de tapioca.
- No mesmo dia, ou no dia seguinte, podem ler o livro *Abaré*, de Graça Lima, que também narra a história de um curumim que percorre a floresta descobrindo caminhos interessantes.
- Dividimos a turma em dois grupos: enquanto um grupo ouve a história, o outro realiza uma atividade na laje. Depois trocam de espaços. Com um grupo menor de crianças é possível ouvi-las melhor e garantir a participação de todas.



Link para o vídeo Nande Reko Arandu: www.youtube.com/watch?v=l469uaunv6A

Sobre os autores e ilustradoras

Yaguarê Yamã, autor de *Um curumim, uma canoa*, é escritor, ilustrador, professor e artista plástico indígena nascido no Amazonas. Filho do povo Maraguá, formou-se em geografia pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Atualmente mora na aldeia Yaguawajar, na área indígena Maraguapajy, no rio Abacaxis.

Simone Matias, ilustradora, nasceu em Santos, São Paulo, e descobriu a ilustração infantil em um intercâmbio nos Estados Unidos no ano 2000. Hoje tem mais de 60 livros publicados. Estudou ilustração na Scuola Internazionale d'Illustrazione, em Sàrmude, Itália. Cursou Ilustração de Livros e Imagem Narrativa com Odilon Moraes e Fernando Vilela no Instituto Tomie Ohtake. Cursou também História da Arte e Apreciação Estética na Pinacoteca de Santos/SP e fez o workshop de desenho e pintura – modelo vivo na The Florence Academy of Art, em Nova Jersey/EUA (2017).

Graça Lima, autora e ilustradora do *Abaré*, é carioca, formada em Comunicação Visual pela Escola de Belas Artes da UFRJ e fez o mestrado na PUC-Rio. Ganhou vários prêmios com seu trabalho, entre eles os da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil/FNLIJ: Prêmio Luís Jardim, Prêmio Malba Tahan, Prêmio O Melhor para o Jovem e, ainda, muitas vezes, o Selo Altamente Recomendável. Foi indicada entre os finalistas para o prêmio Jabuti repetidas vezes e recebeu em 1982, 1984 e 2003 este prêmio na categoria de ilustração. Fora do Brasil recebeu quatro vezes a Menção White Ravens da Biblioteca de Munique na Alemanha.

Diário de bordo

Vimos que esses livros são uma grande viagem imaginária e pudemos embarcar nela. Utilizar a esteira, o pau de chuva e o som de floresta criou o clima para que a fantasia tomasse seu curso. As crianças viram tubarões, baleias e passarinhos durante a brincadeira.

O que disseram as crianças?

As crianças da turma ficaram muito mobilizadas quando Aguiry passou pelo reino das cobras grandes. Falavam, discutiam entre eles, levantavam para olhar a imagem do livro mais de perto: “Ele é teimoso, não podia ir pra esse reino!”, “Ai, ai, a cobra pica!” Citamos um diálogo entre a educadora e as crianças: “Tia, como é o nome dessas cobras grandes?”, “E das pequenas?”, “Eu não sei, podemos pesquisar”, disse a educadora. “Amaiukui e amaiuquinha”, respondeu uma das crianças. E outra observou: “Ai, ai, ai, a cobra tem o olho muito grande!”

E entre as crianças: “A cobra jogou ele no mar! Ele vai morrer!” “Não, a sereia vai lá pegar ele!”

Com a palavra educadoras e educadores...



Esteira virou canoa. Brincando de viajar pelo mundo da cobra grande.



Uma educadora levou folhas de bananeira para ambientar a sala antes de ler histórias indígenas.

João e o pé de feijão em cordel



Quem não conhece a história do menino João e seus mágicos feijões que o levaram a uma aventura na terra dos gigantes? O pequeno vive uma situação financeira muito difícil ao lado da mãe, e quando resolve vender o único bem de sua família, uma vaca magra, ele vê a sua vida mudar completamente, pois, ao invés de conseguir o dinheiro, ele acaba trocando sua vaca por cinco feijões mágicos, que segundo a promessa de um velho vendedor, cresceriam até o céu.

Você sabia que a literatura de cordel refere-se aos contos rimados, ilustrados por artistas da xilogravura e impressos em pequenos folhetos vendidos nas feiras populares? Segundo César Obeid, “em nosso país a origem de literatura de cordel está relacionada a cantoria de viola, que é um improviso poético, feito pelos chamados cantadores repentistas. Os primeiros cordelistas eram também repentistas, e até hoje existe uma forte ligação entre essas duas manifestações.”

Por que esse livro? Por que essa atividade?

João e o pé de feijão é um conto popular inglês e, na versão escolhida, recontada por César Obeid e ilustrada por Eduardo Ver, é apresentado de modo bem brasileiro – em forma de cordel. A literatura de cordel (ou folheto, em geral dependurado numa corda por quem o divulga) traz uma narrativa poética que possui raiz nas feiras nordestinas. Assim, apresentamos às crianças um conto clássico com boa dose de cultura brasileira, incentivando a imaginação e o encantamento pela história.

Esse livro faz parte da coleção *Contos de Fadas em Cordel*, editada pela Mundo Mirim. As histórias tradicionais são contadas com as rimas e o ritmo característicos da literatura de cordel.



Desenvolvimento

- Preparar os materiais na sala: a chita e o balão colocados no chão. Dentro do balão, os livros com versões diferentes da história. Pesquisar junto às crianças quem conhece o conto. Anunciar que a história será lida de um jeito diferente e deixar em suspense o que é diferente.
- Após a leitura, ouvir os comentários das crianças.
- Dizer que o João havia esquecido de pegar uma coisa lá no castelo do gigante. Pegar a caixa de teatro de sombras e recontar trechos da história com os personagens confeccionados. Deixar que as crianças brinquem com os personagens e o teatro.
- Oferecer os outros livros do acervo para leitura com autonomia.
- Uma alternativa é distribuir folhas e lápis cera e pedir que desenhem personagens para que possam brincar em outros momentos. A educadora deverá recortá-los, colar em papel cartão e colocar palito de sorvete como suporte para que possam manuseá-los.

Confira os materiais utilizados

- Livro *João e o pé de feijão em cordel*, recriado do folclore inglês por César Obeid e ilustrado por Eduardo Ver.
- Balaio e tecido (chita).
- Teatro de sombras.
- Personagens da história colados em papel cartão.



Como fazer o teatro de sombras e os personagens

Os personagens foram feitos com papel cartão, mas para manter a ideia de xilogravura, linguagem artística muito própria da arte de cordel, use tinta preta e branca e materiais reaproveitados para texturizar.

A caixa de teatro de sombras foi feita com caixa de papelão forrada. Na parte vazada, coloque papel manteiga com um plástico transparente grosso para que o papel manteiga não se rasgue facilmente. Ilumine a caixa por trás usando uma lâmpada, uma lanterna ou mesmo a luz do celular. Se o ambiente estiver levemente escurecido o efeito é ainda melhor.





Sobre o autor e o ilustrador

César Obeid nasceu na capital paulista no ano de 1974. Com 21 anos, começou a estudar dramaturgia e se interessou pelo jeito de contar histórias por meio de ações e diálogos. Escreveu peças e algumas delas foram encenadas. Quando conheceu os poetas populares, encantou-se e se tornou contador de histórias, educador e escritor de livros infantojuvenis. Alguns dos seus livros foram premiados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil/FNLIJ. Hoje em dia, escreve matérias e artigos para jornais e revistas, e também participa de gravações de programas de televisão e rádio sobre leitura, literatura, poesia e cultura popular.

Na internet: www.cesarobeid.com.br/cesar%20obeid.html

Eduardo Ver nasceu em São Paulo em 1979 e se formou em Artes Visuais. Desde criança, já observava a mãe desenhando e pintando camisetas para ele e sua irmã. Assim, se encantou pela arte e cultura popular. A paixão pela xilogravura veio depois, já na universidade, quando passou a participar do ateliê Piratininga e a conviver com seu mestre Ernesto Bonato.

Diário de bordo

As crianças já conheciam o conto, pois a educadora já havia apresentado um livro brinquedo do João e o pé de feijão e cada um plantou feijão no copo com algodão para que acompanhassem o crescimento da planta. Com a apresentação da história com uma linguagem diferente, acharam muito engraçado o jeito “cantado” de ler e observaram que o João do livro era preto e a vaquinha fininha. Ficaram na expectativa de verem as pegadas do gigante, perguntando “cadê o gigante?”. Quando finalmente apareceu, fizeram muitas caras de espanto.

A utilização do teatro de sombras provou encantamento nas educadoras e crianças. Foi uma grande novidade! Enquanto apresentei a história com esse recurso, as crianças perguntavam “Cadê o gigante?”. No momento em que apareceu a sombra do pé do gigante, foi um frisson entre elas: se abraçavam com medo e fazendo carinhas de nervosismo.

O que disseram as crianças?

Enquanto as crianças brincavam com brinquedos da sala, uma delas, com o balão cheio de livros e uma bolsinha pendurada no braço, procurava um lugar onde seu amigo pudesse colocar o colchonete e travesseiro para se deitar. A ideia era contar as histórias dos livros que estavam no balão, enquanto o amigo as ouvia deitado. Percorreram vários cantos da sala até que encontraram um cantinho especial.

Com a palavra educadoras e educadores...

A educadora gostou muito da história contada “como se estivesse cantando”. Ela e a colega disseram que vão utilizar o mesmo livro e se animaram em fazer os personagens com as crianças.

As educadoras não conheciam a técnica da xilogravura e tivemos a oportunidade de pesquisar na internet o assunto “cordelista”. Vimos uma reportagem com J. Borges, o Mestre da Xilogravura e do Cordel, além de uma técnica de fazer xilogravura com placas de isopor.

Na internet: www.youtube.com/watch?v=QeongNP6wul; www.youtube.com/watch?v=YTpaaVsufM





PALAVRAS FINAIS

Para que o encantamento pela literatura seja o foco, destacamos aqui algumas expressões de gestoras e educadoras que revelam as mudanças de olhar, sentir e compreender o ato de ler, contar e ouvir histórias.

... das educadoras

“Há algum tempo estávamos pensando em ampliar o repertório de livros que queríamos oferecer às crianças. Hoje oferecemos poesias, parlendas e rimas.”

“Agora até apresentamos e falamos dos autores de algumas histórias para as crianças.”

“O leva e traz de livros para a casa aproximou mais as famílias da instituição.”

“Escolher livros para crianças tão pequenas não é nada fácil. Agora sabemos e experimentamos o prazer do acesso do manuseio e das interações que promoveram descobertas e o estreitamento de vínculos afetivos.”

“Agora percebemos com mais facilidade o que as crianças dizem sobre a história. Tal como na hora da roda com os nomes, o “Joãozinho” puxa a canção do livro Lá em cima daquele morro demonstrando assim, que a literatura vai para além do momento da história.”

“Não estamos mais com a preocupação do livro ter o assunto do tema proposto no mês. Agora queremos que esses momentos possibilitem que as crianças desenvolvam a imaginação, a criatividade e a expressão de seus sentimentos.”

... da equipe do CECIP

Loucura? Sonho?

Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira – mas tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum.

Monteiro Lobato

Quando decidimos fazer um projeto envolvendo literatura em 14 creches da Rocinha, indo a cada local, sentando e ouvindo as crianças e suas educadoras, num momento em que o Rio de Janeiro está marcado pela violência do tráfico – foi uma aposta que até nós mesmas achamos loucura. Mas foi contagiente.

As gestoras se envolveram, as educadoras participaram, ao mesmo tempo aprenderam e nos ensinaram muito, as crianças amaram os livros e ampliaram seu imaginário, e este projeto também foi levado às suas casas, tocando seus responsáveis. Uma verdadeira transformação da prática. Os livros são a chave mágica que abre o mundo maravilhoso da imaginação, e todos tiveram essa experiência, comprovando isso na vida real.

Um de nossos objetivos principais é aprender com as pessoas – adultos e crianças – com as quais interagimos. Várias hipóteses que havíamos formulado foram enriquecidas com a prática, tornando-se mais concretas.

Ao avaliar os resultados alcançados pelo projeto Balaio de Livros buscamos elementos para que esta experiência possa ganhar escala e eventualmente ser transformada em política pública, para o benefício de muitos. Por este motivo estamos dando o mapa da mina: descrevemos aqui cada ação, revelamos seus pressupostos e divulgamos a metodologia que foi utilizada,

compartilhando este aprendizado, na esperança de que inspire outras iniciativas.

Além de aprendizagens e afetos, deixamos balaios de livros e tapetes de chita em cada creche, para que o projeto continue depois da nossa passagem. Mas nem era preciso – uma nova forma de trabalhar literatura com as crianças está enraizada nas práticas das educadoras e no olhar das gestoras. A mania de perguntar o porquê de determinada atividade, a competência de saber casar o interesse das crianças com um repertório de histórias, ou de saber escolher livros baseados em critérios de qualidade já está no sangue – como dizem as gestoras.

Agora estamos nos preparando para levar novos Balaios a outros lugares, outras educadoras, ao encontro de muitas outras crianças. O sonho de Monteiro Lobato ficou conhecido na sua famosa frase “Um país se faz com homens e livros”. Como os tempos mudaram, hoje poderíamos completar essa frase, dizendo que “Um país se faz com mulheres, homens, adolescentes, crianças... e livros”.

Anexos



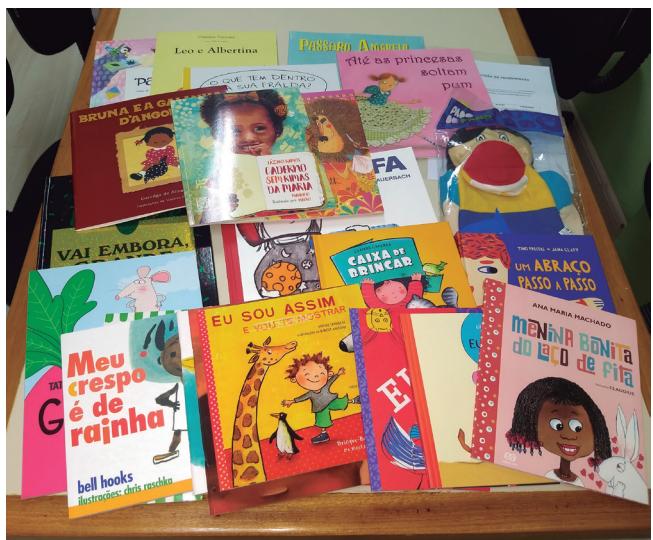
Anexo I. Temas trabalhados nas oficinas de gestores

MÊS	TEMAS
Março	Identificar as necessidades e interesses a respeito da leitura literária na Educação Infantil. Estabelecer o contrato de aprendizagem. Estabelecer combinados para a dinamização das oficinas.
Abril	Organização dos espaços para o encontro das crianças com os livros.
Maio	Discussão: por que a leitura literária na Educação Infantil? Apresentação dos Critérios de Qualidade para seleção de acervo.
Junho	Literatura africana e indígena. (Obs.: 2019 foi o Ano Internacional das Línguas Indígenas.)
Julho	Os bebês, leitura e literatura.
Agosto	Deu nó na literatura: identificação das dificuldades no trabalho com leitura literária.
Setembro	Observar, registrar, refletir, orientar: Projetos literários.
Outubro	Discussão: Leitura e escrita na educação infantil.
Novembro	Avaliação do projeto: quais histórias construímos? O que nos marcou?

Anexo II. Acervo de livros doados para as instituições

TÍTULO	AUTOR	ILUSTRADOR
<i>Abaré</i>	Graça Lima	Graça Lima
<i>A casa sonolenta</i>	Audrey Wood	Don Wood
<i>A garrafa</i>	Patricia Auerbach	Patricia Auerbach
<i>Até as princesas soltam pum</i>	Ilan Brenman	Ionit Zilberman
<i>Bicho-papão pra gente pequena. Bicho-papão pra gente grande</i>	Sônia Travassos	Jean-Claude Alphen
<i>Bruna e a galinha d'angola</i>	Gercilga Almeida	Valéria Saraiva
<i>Caderno sem rimas da Maria</i>	Lázaro Ramos	Maurício Negro
<i>Caderno de rimas do João</i>	Lázaro Ramos	Maurício Negro
<i>Cadê Clarisse?</i>	Sonia Rosa	Luna
<i>Caixa de brincar</i>	Leninha Lacerda	Leninha Lacerda
<i>Chapeuzinho Amarelo</i>	Chico Buarque	Ziraldo Alves Pinto
<i>Chapeuzinho e o leão faminto</i>	Alex T. Smith	Alex T. Smith
<i>Dona Baratinha</i>	Ana Maria Machado	Maria Eugênia
<i>É um gato?</i>	Guido Van Genecht	Guido Van Genechten
<i>Eu grande, você pequenininho</i>	Lilli L'Arronge	Lilli L'Arronge
<i>Eu sou assim e vou te mostrar</i>	Heinz Janisch	Birgit Antoni
<i>Eu vi! Surpresa</i>	Fernando Vilela	Fernando Vilela

TÍTULO	AUTOR	ILUSTRADOR
<i>Gildo</i>	Silvana Rando	Silvana Rando
<i>Lá em cima daquele morro</i>	Sônia Travassos	Luciana Grether
<i>Léo e Albertina</i>	Christine Davenier	Christine Davenier
<i>Menina bonita do laço de fita</i>	Ana Maria Machado	Claudius Ceccon
<i>Meu crespo é de rainha</i>	Bell Hooks	Chris Raschaka
<i>O bicho folharal</i>	Angela Lago	Angela Lago
<i>O fim da fila</i>	Marcelo Pimentel	Marcelo Pimentel
<i>O grande rabanete</i>	Tatiana Belinky	Tatiana Belinky
<i>Okan a casa de todos nós</i>	Luciana Nabuco	Luciana Nabuco
<i>O que tem dentro da sua fralda?</i>	Guido Van Genechten	Guido Van Genechten
<i>Ou isto ou aquilo</i>	Cecília Meireles	Odilon Moraes
<i>Pássaro amarelo</i>	Olga de Dios	Olga de Dios
<i>Pode pegar</i>	Janaina Tokitaka	Janaina Tokitaka
<i>Poemas para brincar</i>	José Paulo Paes	Luiz Maia
<i>Soltei o Pum na escola</i>	Blandina Franco	José Carlos Lollo
<i>Tanto tanto</i>	Trish Cooke	Helen Oxenbury
<i>Um abraço, passo a passo</i>	Tino Freitas	Jana Glatt
<i>Um curumim, uma canoa</i>	Yaguarê Yamã	Simone Matias
<i>Vai embora grande monstro verde</i>	Ed Emberley	Ed Emberley





Outros materiais que contam a experiência educativa do CECIP nas creches da Rocinha

Disponíveis em www.cecip.org.br

- De mãos dadas por uma creche de qualidade:
sistematização das experiências da Rocinha (*CECIP, 2014*)
- Série **Compartilhando Experiências**:
 - Atividades de artes plásticas com crianças de até quatro anos (*CECIP, 2015*)
 - Atividades musicais com crianças de até quatro anos (*CECIP, 2015*)
 - Atividades e propostas criativas com crianças de até quatro anos (*CECIP, 2015*)
- CCCria Centro Cultural da Criança – O castelo das crianças cidadãs (*CECIP, 2009*)
- Histórias do CCCria Centro Cultural da Criança – Autonomia, alegria e participação infantil (*CECIP, 2011*)
- Compartilhando experiências – atividades essenciais com crianças de até quatro anos (*CECIP, 2018*)

CECIP / Centro de Criação de Imagem Popular

A equipe do projeto Balaio de Livros agradece imensamente a todas as instituições de educação infantil que fizeram parte deste projeto, pelos aprendizados, inúmeras trocas de experiências e pela parceria carinhosa, receptiva e tão devotada.

Agradecemos também à Creche Viva, Biblioteca Parque da Rocinha, Instituto Reação, SETRANS, SME-Secretaria Municipal de Educação, 2a CRE / Coordenadora Regional e Educação, IMS-Instituto Moreira Salles, CIESPI / Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância, CEAT / Centro Educacional Anísio Teixeira, Paula Rocha, Nazaré Salutto, Renata Vieira, Silvia Louredo, Cladius Ceccon, Sônia Travassos, Luciana Nabuco, Marcelo Pimentel, Adriana Rolim, Lilian Amancaí, Karina Oliveira (Yangare Pataxó).

Diretor executivo: Claudio Ceccon

Diretora administrativa financeira: Dinah Frotté

Coordenadora de projetos: Claudia Ceccon

Coordenador financeiro: Elcimar Oliveira

PROJETO BALAIO DE LIVROS

Coordenação compartilhada: Anna Rosa Amâncio, Elisa Brazil, Maria Lúcia Lara, Rafaela Pacola e Rosane Monteiro

Equipe de facilitadoras: Anna Rosa Amâncio, Elisa Brazil e Rosane Monteiro

Produção executiva: Rafaela Pacola

Consultoria pedagógica: Maria Lúcia Lara

Apoio: Olivia Lopes, Néia Oliveira, Sirlene da Silva Alves



DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

B171 Balaio de livros [recurso eletrônico] : literatura e
 educação infantil / organização: CECIP, Centro de
 Criação de Imagem Popular ; texto original: Anna
 Rosa Amâncio ... [et al.]. - Rio de Janeiro : CECIP,
 2020.
 84 p. : il. color. - (Compartilhando experiências)

"Projeto Balaio de livros".
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

ISBN 978-65-86970-00-5

1. Literatura infantojuvenil - Estudo e ensino - Rio de Janeiro. 2. Literatura infantojuvenil - Programas de atividades - Rio de Janeiro. 3. Crianças - Livros e leitura - Rio de Janeiro. 4. Interesse na leitura - Rio de Janeiro. I. Centro de Criação de Imagem Popular. II. Amâncio, Anna Rosa. III. Série.

CDD - 028.55

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Lioara Mandoju CRB-7 5331

Balaio de Livros – Literatura e Educação Infantil

Esta é mais uma publicação da **Série Compartilhando Experiências**, sobre projetos realizados em creches do Rio de Janeiro, visando qualificar cada vez mais o atendimento às crianças de zero a 4 anos de idade.

Esta coleção vem sendo publicada pelo CECIP desde 2015, e está disponível em formato eletrônico em nosso site.

Balaio de Livros: Literatura e Educação Infantil é o registro de uma experiência de literatura realizada durante o ano de 2019 em creches da Rocinha, no Rio de Janeiro. Nossa objetivo com esta publicação é divulgar a riqueza dessas vivências para inspirar outros educadores e gestores, e contribuir para que o direito à literatura – dos bem pequenos, seus responsáveis e educadores – seja plenamente cumprido, com muito prazer, criatividade e alegria.

Veja também o vídeo **Balaio de Livros – Formação em leitura literária na educação infantil**, disponível no site do CECIP!



CECIP

**CRI_{NC}
ESPER_{NC}**

Centro de Criação de Imagem Popular

Rua da Glória, 190, sala 202 - 20241-180 - Glória - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: 21 2509 3812 E-mail: cecip@cecip.org.br
www.cecip.org.br